

Os nossos autographos

Marinha

Demando a furia do mar infundo
 Ave marinha nos seus adejos,
 Segue a barquinha levando um lindo
 casal de miúcos trocando beijos...

E ouvindo beijos assim trocados,
 E vendo labios assim unidos,
 O mar boheia, solta gemidos,
 E tem inveja dos namorados!

N.
 Nito Baptista

POLITICA E BORDADOS

Segundo noticias telegraphicas, as senhoras do Caeté, em Minas, pediram à camara municipal o direito de votar nas eleições respectivas; as senhoras do Piahy offereceram ao navio de guerra, que tem o nome desse estado, uma bandeira de seda bordada a ouro.

E eis como debaixo do mesmo céu

estrellado, nesta terra da palmeiras onde o poeta diz que canta o sabiã, as mulheres se dividem em preocupações diferentes: umas fazem politica, outras fazem bordados.

Certamente que não seremos nós quem as procure desviar do caminho da politica ou do bordado que cada uma seguiu consultando suas vacações; mas não deixa de ser interessante que todas não deixa de ser interessante que todas se julguem felizes, umas nos ardores das

luctas politicas outras nos serões do tear a cadeia. Não ha idèa vencedora sem à luz tenue e amorosa do tecto. martyres.

Aquelles dous telegrammas são Apenas o chronista se animaria a como duas bandeiras, como dous pro- perguntar numa sala cheia de rapazes grammas postos diante do feminismo. solteiros, si se tivessem de casar, quaes

Sò mesmo as mulheres podem de- teriam preferido: as moças de Caeté ou cidir das suas vantagens. O feminismo as piauihyenses que bordaram a ouro brasileiro é pacifico; elle não tem à sua a bandeira do *destroyer*. frente uma madame Pankurst, a celebre agitadora ingleza que esbofeteia os soldados para que a prendam e levem para

GONÇALVES MAIA.

(Do Amazonas).

GALERIA DOS ELEITOS

MUQUITA

LUCIO DE MENDONÇA

Era estudante de medicina; morava num sobradinho da rua da Misericordia, a poucos passos da escola, num quartinho pegado ás telhas, mas com uma immensa riqueza—a janella aberta para o morro do Castello, para o ar livre, para o céu cortado de nuvens brancas e de vôos de andorinhas.

Meia-noite; acabára emfim a fastidiosa lição de pathologia, que alli o tivera pregado á mesa umas longas quatro horas, desde a volta do café Cascata, onde estivera a fazer o chyle ouvindo as declamações politicas de um deputado do Norte, palrador e opposicionista. Ia deitar-se a dormir; mas antes como costumava, veio fumar um cigarro para a janella. O céu estava magnifico, formigante de estrellas, sentia menos somno que vontade de passeiar um pouco, ao acaso dos passos, pelas ruas adormecidas onde algum transeunte retardado se perdia á distancia, batingo sonoramente as calçadas com os tacões energicos de quem quer mostrar que vae sem medo. Amorteceu a luz do bico de gaz; tomou o chapéo de feltro, pendente de uma das maçanetas da estante de ferro: verificou os nickeis que restavam no bolço do collete, e desceu a escadaria.

Em vez de seguir para o coração da cidade, para a zona viva e illuminada dos cafés e dos theatros. appeteceu-lhe antes a escura melancholia da ladeira do Castello, e por alli se mettu a subir, a passo lento, com

a ponta do cigarro nos beiços. Até chegar á praça, que ha no alto do morro, nenhum accidente o interessou; lá encima, porém, logo ao desemboccar no largo, attrahiu-lhe o olhar a janella accesa de um casebre, accesa e aberta áquellas deshoras. Baile não era, que nenhum som d'alli partia; defrontou com a janella e viu que ao centro da saleta numa mesa forrada de branco com duas velas de cera á cabeceira e uma aos pés, calçados de duraque, estava deitado um cadaver; trez ou quatro vultos pretos o velavam, sentados em torno; um desses era de mulher e velha.

Familiarisada a vista com a luz d'aquelle interior, distinguiu que o semblante da velha era de expressão sympathica, resignada e triste; dos outros, que aos poucos foi discriminando, um era barbado e de oculos, outro adolescente e pallido; havia ainda, e só depois o discerniu, a um angulo sombrio, um vulto de mulher, com a cabeça caida nos hombros cruzados sobre as costas da cadeira, e que parecia chorar, pois via-lhe o busto sacudido como por soluços.

Attrahido pela curiosidade, acercou-se discretamente, deitando fóra a ponta do cigarro. Teve então uma surpresa dolorosa: o morto que alli estavam guardando, era seu conhecido; era o porteiro da escola, um pobre diabo aquem os estudantes davam tostões muito dedinchados e que andava sempre a abafar uma tassinha sêcca.

—O velho Anselmo! suspirou intimamente o rapaz; ainda hontem o vi, mais chupado de cara e mais agoniado de tosse mas sem largar aquella ponta de charuto ruim, que já se lhe tornára attributo inseparavel da mesquinha figura.

Invadiu-o uma grande piedade; e bateu timidamente á porta; veio abrir-lhe a velhinha de bom aspecto.

—Eu sou, disse logo no corredor, um estudante de medicina, e passando e reconhecendo no defuncto o nosso porteiro, o pobre senhor Anselmo, pensei em vir offerecer os meus serviços, para o que quizerem, para ajudar a velar, si permittem.

Acceptaram-lhe commovidos a obra de misericordia, e obriram-lhe espaço no sofá vellido, paralelo á mesa do defuncto.

A ultima pessoa a fallar-lhe foi exactamente a que mais lhe interessava conhecer, pois corria na escola que o porteiro tinha uma filha encantadora.

Era-o, sim; morena, de um moreno pallido, com tons de ambar; olhos amendoados, de uma luz humida e ingenua; talhe esbelto, de uma languidez flexuosa, de gata e de odalisca.

—Minha neta, a Muquita, apresentou familiarmente a velha, que era a mãe do porteiro.

E Muquita offereceu ao estudante a mãosinha macia e cállida, ainda com uma humidade de lagrymas, que tambem lhe adoçava ainda mais o olhar profundo.

O barbudo d'olhos, que era um quitandeiro da visinhança, apenas viu installado o estudante de medicina, pediu dispensa da vigilia: tinha uma filhinha com a coqueluche e já agora não precisavam de sua companhia.

Ficaram, pois, a sós, o rapaz e a rapariga, a velha e o neto, que era um adolescente amarello, sem fallar no defuncto.

Ao primeiro cantar dos gallos, a avó foi á cozinha fazer café; o neto não resistira mais ao bello somno dos dezeseis annos, e dormia caído para um canto do sofá: viu-se o estudante sò com a Muquita, em cadeiras proximas, no espaço entre a janella e a cabeceira do morto.

Na excitação da vigilia, a formosura da rapariga tornava-se irresistivel, e o estudante tinha vinte annos, e o fogo na cozinha custava accender, e o irmão dormia a bom dormir e o porteiro estava bem morto: quasi instinctivamente, o braço do rapaz cingira a cadeira vizinha e a bella occupante da cadeira: a resposta immediata foi o busto delicioso inclinar-se todo para elle e tão rendido e abandonado que logo e logo, as cabeças se encostaram, os labios se procuraram como conhecidos velhos, com a avidéz de uma sêde que se diria de seculos e era apenas de minutos, e o beijo soffrego e faminto, que uniu as duas bocças, ardia como um fogo intenso e inapagavel.

Não fôra o ruido arrastado das chinellas da avosinha e o tinir das chiearas na bandeja que se approximava, e não sei de que sacrilegio não seria capaz a mocidade dos dois, com a cumplicidade da hora.

Ah! quando o rapaz tornou a subir a sua escada, apagou de todo o gaz que o alvor do dia tornára inutil, fechou o compendio de pathologia e atirou-se estremunhado á caminha de ferro, tinha ainda, sob o forte sabor do café e do charuto que viera fumando, o sabor mais forte, mais capitoso, que havia de sentir para sempre, como o melhor de sua vida inteira, da boquinha quente e latejante da Muquita.

Desengano

(Ao Canuto Lemos).

Das vaidades do mundo irás sahindo,
Torturado, lembrando os tempos idos;
E has de esquecel-as quando fores indo
Para o hospital dos tetricos vencidos.

Has de sentir desillusões florindo
No recesso real dos teus sentidos! ...
Estas chagas irão te consumindo:
Maguas, pezares, dôres e gemidos!

Tonto, no desespero atroz da vida,
Sentirás no teu corpo aniquilada
Toda essa seiva outrora não vencida.

Ao remedio do mal ninguem recorre!
Sò existe um descanço nessa estrada:
—Quando o viajero empallidece e morre.

Basilio Manga'eira.

OUTRO TEMPO

(Para o Pedro Borges)

Ah! quem nos déra a alcova perfumada,
Em que tu, nos meus braços amorosos,
Desmanchavas a coma, alvoroçada
Na alegria dos beijos voluptuosos!

E então como corava a Madrugada,
Ao ver um poeta, em sonhos deliciosos,
Tendo a cabeça languida, afogada,
Entre os teus seios calidos, cheirosos!

Oh! quanto desvario o dos amantes!
Nas vertigens do gozo, até sonhava
Que iamos morrendo quasi á mingua. . .

E em ternos balbucios offegantes,
O teu labio mordendo, ai! como achava
Doce, a pontinha rubra de tua lingua. . .

Celso Pinheiro.

POSTAL

Meo caro Chaves:

Li os teus lindos versos a mim offercidos.
E digo lindos, não porque a isso me obriga a minha gratidão, mas porque tu és o que se pede chamar um poeta na mais perfeita acceção da palavra. Os teus versos cantam, falam bem alio de sentimentos, desconhecidos e commove dores.

Lembram perfumes deliciosos e raros, recordam innados de aves em bosques verdejantes, pelas manhãs nu- bladas de um céu de março...

Fu te agradeço, por todo isso, e ainda mais porque tu soobeste perfeitamente interpretar o meu sentir.

Um abraço do teu

JOSÉ ROCHA.

IN ANIMA VILI

(Ao meu coração)

Presinto-te o pulsar desordenado
nessa faina brutal, de quando em quando,
e sei perfeitamente, o desgraçado,
que vais a pouco e pouco me matando!

E não tremo! Sô sinto o demorado
do percurso do tempo, recordando,
a te ouvir, como um dobre prolongado
nas cavernas do peito ir reboando...

Afeito á ingratidão irreverente
e ás iras do rancor ignorado
não temo teu furor inconsciente...

Assassina-me, airoz discontentado
pois, é justo que morra quem sómente
tem vivido por ti sacrificado.

São Sinheiro.

WILLIAM SHAKSPEARE

(LIGEIROS TRAÇOS)

WILLIAM SHAKSPEARE

A capital federal do Brasil tornou-se, este anno, *rendez-vous* das companhias dramaticas estrangeiras, que costumam fazer a *tournee* do mundo: portuguezas, francezas, italianas, norte-americanas e até allamães estacionaram no Rio, attrahidas pelas suas bellas avenidas, a sua esplendida exposição e o seu novo theatro municipal. Perdido o medo da febre amarela e dada a transformação da cidade, a velha e rejuvenescida Sebastianopolis passou a ser visitada por *tourists* de todos os ja zes, especialmente por essa raça de bohemios que fazem do palco profissão habitual. Peças modernas de estylo e merecimento variados foram á scena em concurrencia com outras da escola classica, já consagradas pela critica

mundial. Neste numero entraram algumas tragedias do immortal Shakspeare, interpretado pelo velho actor portuguez, que no papel de *Hamlet* tem sido applaudido até em Londres. Bianca Pappacena, uma joven, formosa, erudita e eloquente italiana, fez uma brilhante conferencia no salão do «Jornal do Commercio» sobre a reabilitação de *Desdèmona*, a triste heroína do *Othello*, ou *o Mouro de Veneza*. A obra genial de Shakspeare chamou de novo a attenção dos competentes.

Antes do mais, devo fazer um reparo á opinião da douta cenerencista italiana. *Desdèmona*, a esposa fiél e casta do impetuoso Mouro, que a amava com o arrebatamento proprio do seu character ardente, foi assassinada pelo marido num accesso de ciume, suggestionado por Iago, o genio do mal. O ciume é

a paixão predominante no drama familiar, mas trata-se de um ciúme baseado em falsa causa, dando lugar à morte de uma esposa joven, bella, amantissima e sobretudo innocente. Dahi o horror tragico das scenas finaes do 5.º acto. Nunca ninguem poz em duvida a castidade de Desdémona. A sua reabilitação posthuma é, pois, escusada e só pôde ser justificada na conferencia alludida como pretexto ou occasião para se apreciar a anlyse profunda e subtil de uma das mais bellas producções do engenho humano.

**

Shakspeare (1564—1616) é o maior poëta da raça anglo-saxonia, a culminancia do espirito inglez na renascença, «o poëta da Europa moderna» como o defeniú Jakson, o seu mais eminente critico. O espirito germanico, que produziu Luthero e fez a reforma religiosa no seculo XVI, não tinha achado a palavra adaptada á exacta expressão do seu sentimento. Como ensina Tobias Barboza, a Allemanha protestante cedeu, neste ponto, sua missão historica ao povo inglez, que lhe é consanguineo. «Surgiu então do seio da velha Inglaterra, o poëta, que devia representar a vida moderna contra a vida antiga, o Norte *mis-à-vis* do Sul, o mundo gothico em face do mundo romanico, enfim, o espirito dos *Nibelungen* ante o espirito da *Iliada*, e representar tudo isto com uma força de que a moderna historia não conhece outro exemplo».

Os seus contemporaneos não tiveram o verdadeiro presentimento da sua grandeza; mas nem por isso o seu merito lhes passou inteiramente despercebido. Logo depois de sua morte começou a apothese, pela publicação da sua obra e pela admiração dos seus compatriçios, que lhe consagraram verdadeiro culto. A sua influencia invadiu primeiro a Allenmauha pela attração das linguas quasi irmãs e pela approximação dos genios ethnicos, fecundando toda a literatura do Norte. Depois, penetrou na França, no seculo XVIII, por

intermedio de Voltaire, o propagandista da cultura ingleza nas artes, na politica e na philosophia. Transpoz o Atlantico e foi encontrar vasto campo de acção na America do Norte. Diz Villenzain: «Os povos numerosos dos Estados-Unidos, que, durante longo tempo, não tiveram outra literatura sinão os livros da velha Albion, não encontraram ainda outro theatro nacional sinão as peças de Shekspeare. Fazem vir, com grandes dispendios, d'alem-mar, algum celebre actor inglez para representar aos habitantes de New-York, esses dramas do velho poëta inglez, que devem ser tão poderosos sobre um povo livre; excitam ahi mais enthusiasmos e embriaguez do que nos theatros de Londres». Da Norte-America e da Inglaterra a influencia do grande tragico passou para a Asia, na India, immensa e prospera colonia ingleza, onde as crianças dos collegios hindús e mahometanos, declamam, sem coacção alguma, scenas das tragedias do excelso poëta. Pela França, depois de Voltaire, o seu genio pairou sobre os povos latinos, vindo até Portugal e o Brasil. Shakspeare já fez o giro do mundo e a sua fama cresce constantemente, causando assombro por toda a parte. «O verdadeiro genio é assim: quaesquer que sejam os elementos, donde elle saia, entra sempre como uma maravilha no mundo dos phenomenos».

Shakspeare é um dos poucos grandes genios dominadores que tem produzido a humanidade no longo decurso da sua vida historica, e que hão bastado às necessidades e nutrição do pensamento: «ces génies méres—no dizer de Chateaubriand—qui semblent avoir enfanté e allaité tous les autres». Homero fecundou a antiguidade, desde Eschylo até Virgilio; Dante produziu a idade moderna, desde Petrarca até o Tasso e Camões; Rabelais criou as letras francezas com Montaigne, Lafontaine e Molière; a Inglaterra está toda em Shakspeare, comprehendendo Milton, Byron e Walter Scott. Mas, como já vimos, a potencia creadora do autor de *Macbeth* não se limitou aos dominios britannicos, antes

constituiu um novo cyclo literario de predomínio mundial, mesmo entre os povos de origem latina. Incluído no rol dos mestres supremos, pouco importa que alguns dos seus epigonos lhe reneguem os beneficios recebidos e lhe notem faltas e defeitos e extravagancias. O sol continúa a sua marcha triumphante, ascendendo para a zenith, e sò tombará para o occaso com a decadencia senil da humanidade. Tratando desses maximos guias do pensamento, diz Chateaubriand «Elles abrem novos hõrizontes, donde jorram novos feixes de luz; semeiam idèas, germens de mil outras; ministram imaginações, assumptos, estylos a todas as artes: suas obras são minas inexgotaveis, ou as entranhas mesmas do espirito humano».

As obras de Shakspeare são objectos de estudos não sómentes dos profissionaes da arte, dos criticos dramaticos, dos actores e dramaturgos celebres, mas tambem dos sabios, dos philosophos, principalmente dos psychologos e criminalistas. Ninguem melhor do que elle conheceu a natureza humana: todas as grandes paixões, nobres ou vis, que agitam a psyché do homem elle as põe em acções no palco, deslumbrando e arrebatao os espectadores de todas as classes e raças do mundo, «O assumpto predilecto de Shakspeare foi o Amor—este Nada, que è tudo!—disse com grande expressão a gentil conferencista Bianca Pappacena: Julieta e Rumeu». Não ha duvida que o amor foi uma das suas grandes preocupações, o eterno feminino, a inspiração e o tormento de todos os poetas. Elle mesmo o affirmou muitas vezes entre risos e lagrimas: «O amor è o meu peccado. . .—*Love is my sin. . .* Nunca poeta algum ousou pegar de uma penna para escrever sem que a sua tinta tenha sido primeiro embebida nas lagrimas do amor.—*Never durst poet touch a pen to write, until his ink were temperid with love's sighs*». O amor è o assumpto principal da sua primeira grande creação tragica —*Romeu e Julieta* e domina em algumas outras. Mas a sua

obra não teria o cunho de universalidade que a distingue, nem seria a fonte de um novo cyclo literario si o seu assumpto predilecto fosse o amor. Neste particular a gentil conferencista italiana trahiu a bella fraqueza do seu sexo, para quem o Amor è Tudo (com maiusculos). Na scena 5.^a do acto 1.^o, Julietta, já apaixonada por um sò primeiro encontro, adoecida de amor, diz á sua aia, referindo-se a Rumeu: «Vai informar-te do seu nome; si elle for casado, eu terei o tumulto por leito nupcial». Esta explosão de verdade è que tem impressionado todos os corações sensiveis, inclusive o da bella defensora officiosa de Desdémõna.

Na obra shakpeareana não vibra sómente o amor, mas todas as molas da alma humana da superficie ás profundezas dos abysmos insondaveis, exprimindo com inexcedivel energia as suas paixões dominantes; o odio, a ambição, o ciume, o goso da vida, a piedade e a crueldade. Villemain, um dos seus criticos mais competentes, acrescenta: «Elle não resolve com menos poder a parte supersticiosa da alma. Como os primeiros poetas gregos, elle expõe em scena o quadro dos dons physicos, as agonias do soffrimento, os andrajos da miseria, e a ultima e a mais horrivel das enfermidades humanas, a loucura. Que ha de mais tragico, na verdade, do que essa morte apparente da alma, que degrada uma nobre creatura sem destruil-a? Shakspeare usou amiude deste meio de terror, e, por uma combinação singular, representou a loucura simulada tão bem como a loucura real; emfim, imaginou mistural-as ambas no personagem bizarro de Hamlet, e reunir no mesmo individuo os relampagos da razão, as astucias da aberração calculada, e a desordem involuntaria da alma».

(Continúa).

H. C.

Phantasia

Vem, meu amor, meu amor...

KAUL POMPEA

Vem. Chega-te a mim. Deixa que eu deponha nos teus labios um beijo de amor. Vem, minha formosa princeza, ideal purissimo de meu coração illusionista. Não tenhas receio.

Vem. Eu quero beijar os teus cabellos— fios finissimos de ouro que, de quando em quando, vêm furtar de tua colorida face, um delicioso beijo...

Vem. Chega as tuas mãos, macias como a seda, perto da minha bocca; embriagame com o perfume subtil que dellas promana...

Vem. Dá que eu deposite no teu seio colombino, um beijo quente e apaixonado...

Vem. Deixa que eu cubra de beijos o teu corpo de mulher bonita e adorada...

Vem, meu amor, meu amor...

E has de beijar-me tambem, has de perfumar-me com o aroma do teu corpo, aroma suave e delicioso, que é o celledrado odor de femina...

Beijemo-nos. Eu quero sentir o contacto deliciosamente morno da tua carne rosada e pagã, que está fremente.

Beijar é crime?!

Não. E si é crime, todos são criminosos: os da terra e os do céu.

E é por isto, Dominadora Augusta da minh'alma, Deusa Indecifrável, que eu quero beijar os teus labios, os teus cabellos, as tuas

mãos, os teus seios, o teu corpo perfumado, num delirio supremo de amor, numa exhalção soberana de affectos e de desejos...

Sigamos o exemplo do Sol, da lua, das estrellas, do mar, dos anjos.

O sol, com beijos causticantes, de fogo, beija a terra, dando-lhe vida e calor, envolvendo-a em um vestuario deslumbrante de luz...

A lua, a mysteriosa lua, a Rainha Alti-va da noite, a inspiradora do poeta, vagando silente e merencóricamente pelas alturas, beija as nuvens, as maravilhosas nuvens...

As estrellas, rasgando espaços, percorrendo distancias admiraveis, beijam o Azul—o eterno e decantado enfeite do infinito...

O mar—esse gigante colosso—beija as praias, banhando-as com as suas aguas côr de saphira...

Os anjos, filhinhos de Deus, beijam-se mutuamente, carinhosamente...

E porque, somente nós, eu e tu, Deslumbramento dos meus olhos, não nos podemos beijar?!

Porque?...

Com a tua imagem de santa gravada no espelho de meus olhos, sentindo dentro em mim a febre do amor, indago ao sol, á lua, ás estrellas, o mar, os anjos, porque és esquiva aos meus beijos, aos meus carinhos; e o sol, e a lua, e as estrellas, e o mar, e os anjos, num côro unisono, respondem:

Porque não comprehende o amor.

J. B.

TRAÇOS & TRÓÇAS

CARICATURA

IV

Poeta elle o é, e dos mais inspirados do nosso meio.

Muito modesto ou mesmo muito timido, tem, ás vezes, quando fala ou quando escreve, desconfianças de noviço e receios de creança.

Modesto em extremo, elle se encommoda muito mais com os elogios sinceros e espontaneos dos seus admiradores do que com as criticas de taberna dos duques de estrada.

Nas letras, fez a sua estréa, com muito brilhantismo, em companhia de mais dois collegas que, com elle, formaram uma trindade e almas, nascidas para os mesmos ideaes, padar as mesmas emoções.

Recebeu, ha pouco, uma carta do grande escriptor e poeta dr. Affonso Celso que, mesmo de longe, lhe estendeu a mão de admirador e de collega.

Em amores não tem sido dos mais felizes. E' que elle não podia e nem pode se afastar dos outros poetas, seus irmãos, sempre esquecidos e mal comprehendidos pelas suas eleitas.

E' um dos mais queridos amigos da «Alvorada» por cuja existencia tem trabalhado sempre, sem esmorecimentos nem ca-

Anda, agora, buscando outros am... Sempre cheio de creança e de illusão... Há-de, em breve, esquecer tão cruas dores, Trancando outra mulher no coração.

JOANPECELZI.

CORRESPONDENCIA

S. F.—O seu soneto estava composto, mas foi impossível sabê-lo neste numero. Não veja nisso uma falta de carinho à sua deliciosa produção. Publical-a-emos, sem falta, na proxima edição.

*

M. M.—Impossível ainda desta vez, meu amigo. Temos muitos colaboradores officiaes pelos quaes sacrificamos muitas vezes até mesmo os nossos trabalhos. Nesta casa elles têm o primeiro lugar.

Não se aborreça.

*

Senhorita V. Z.—A senhora está enganada e não tem razão. *Alvorada* esteve, está e estará sempre ao lado de suas patricias que felizmente, ainda não se envolvem em politica, como as moças de Caeté, segundo a nota que transcrevemos hoje, do illustre chronista Gonçalves Maia.

SEM ALLUSÃO

Conhego-o:—é feio como um carambôlo...
Sendo alto, é gordo e tem a cor morena;
Compenetrado, presumido e tôlo,
Vive num infortunio que faz pena.

Coitado! Para conquistar não mede
Sacrificio... Porem nada consegue...
Bem diz o povo—«quem é besta pede
A Deus que o mate e ao diabo que o carregue».

A.

PENSAMENTO

Isto de falar ou não falar não significa nada; o que convem devéras é saber falar.

Prof. J. Siqueira.

SECÇÃO ELEGANTE

Contractou casamento com o sr. Aarão Sant'Anna, nosso distincto amigo e assignante em Campo-Maior, a gentil senhorita Maroca Monteiro, filha do nosso estimado confrade João da Cruz Monteiro e um dos mais bellos ornamentos da sociedade thesesinense.

Terá lugar, amanhã, civil e religiosamente, o enlace matrimonial do nosso amigo, capitão Francisco dos Santos e Silva com a formosa senhorita Celsa Vêras, dilecta filha do capitalista coronel Abilio Vêras.

«Alvorada» envia parabens aos felizes noivos.

Tem melhorado dos encommodos que tanto abateram a sua saúde, a adoravel senhorita Santa Martins.

«Alvorada» que sinceramente a admira, deseja o seu prompto restabelecimento.

Lirios

D. Durcilla Baptista—Passa, no dia 24 deste mez, o anniversario natalicio de dona Durcilla Baptista, querida esposa do nosso talentoso companheiro Jonathas Baptista.

Alma extremamente bôa, intelligente e modesta, a digna anniversariante é um exemplo vivo de mãe de familia carinhosa e cumpridora dos seus multiplos deveres.

Educada na religião soberba do trabalho e da honra, dona Durcilla possui todos os bellos predicados que fazem da mulher a heroína do lar domestico e a felicidade suprema da familia. *Alvorada*, respeitosa, manda á digna senhora e a Jonathas Baptista, as suas mais vivas felicitações.

NOTAS

DIARIO DO MARANHÃO

Dentre as diversas e honrosas referencias que nos têm sido feitas, por diversos collegas desta e d'outras capitães, é—nos grato transcrever aqui a do «Diario do Maranhão», valente organ de S. Luiz e de cuja redacção faz parte, com raro brilhantismo, o nosso illustrado conterraneo, o mavioso poeta e fino prosador dr. Luiz Carvalho.

Eil-a:—Chegou-nos pela mala do ultimo vapor o 2.º numero da *Alvorada*,

magnifica revista literaria de Theresina, que obedece a intelligente direcção de Jonathas Baptista, Antonio Chaves, Celso Pinheiro e outros jovens intellectuaes piauhyenses.

Abre o interessante magazine um excellente artigo sobre os eclipses, da lavoura do dr. Hygino Cunha, seguindo-se-lhe a *Chronica*, de J. B., *Carta intima* de C. P. e *Uma noite aziaga*, de Jonathas Baptista. Distribuidas pelo texto, a amenisar a leitura, veem diversas produções poeticas.

Só temos elogios para o 2.º numero da *Alvorada* que em nada deixa a desejar.

— Escola modelo — Com a assistencia de diversas pessoas gradas da nossa sociedade, foi inaugurada no dia 12 do corrente a Escola modelo, sob a presidencia do Exm.^o Sr. Dr. Anisio de Abreu. Aberta a sessão, falou o Dr. Mathias Olympio, fazendo um brilhante discurso sobre a instrução em geral.

Em seguida, falaram os Srs. Drs. Miguel Rosa e Hygino Cunha, e por ultimo o Exm.^o Sr. Dr. Anisio de Abreu que, terminando, encerrou a sessão, aberta ao som do hymno á bandeira nacional. A's d. d. Carlota e Adelina Miranda, professoras notaveis da Escola modelo, mandamos as nossas sinceras felicitações pelos importantes melhoramentos introduzidos na aula sob a sua direcção, em cujas pessoas vemos o carinho pelos humildes, a predilecção pelos nús do saber e o amor pelos necessitados de luz.

Os alumnos do Lyceu Piauihyense, elegantemente uniformisados, e commandados pelo talentoso Dr. Costa Araujo—1.^o tenente do exercito, prestaram continências ao acto, sendo, nessa occasião, tirada, pelo photographo Luiz Moura, uma vista dos mesmos alumnos e alumnas da Escola modelo.

—Alvorada agradece o convite que lhe foi dirigido.

—JORNAL DE CAXIAS—Quatorze annos de vida, inteiramente dedicada aos interesses do povo, completou, no dia 1 do corrente, este nosso brilhante collega, da cidade visinha.

Alvorada manda-lhe, por isso, as suas mais calorosas felicitações.

—PERIPERI—é o titulo de um interessante jornalzinho que acaba de iniciar a sua publicação, na cidade do mesmo nome, e cujos primeiros n.^{os} temos recebido pontualmente.

O novo collega é redigido correctamente e offerece leitura bastante variada.

—Estreou em o nosso «Quatro de Setembro», já tendo levado outros espectaculos, a companhia dramatica sob a direcção do sr. Genuino de Oliveira.

Em quasi todos os trabalhos a empreza tem se desempenhado regularmente, agradando, por isso, aos que lhe têm ido ouvir.

—Realizou-se no dia 4 deste mez, conforme estava determinado, a eleição para intendente deste município. Obteve uma maioria de seis centos e tantos votos sobre o seu competidor, o dr. José Pires Rebello, candidato governista.

A eleição correu sob a melhor ordem. De todos os pontos do município correram ás urnas, a suffragar o nome do illustre piauihyense, innumerables eleitores, salientando-se pelo numero e justo entusiasmo o eleitorado dos Altos que, chefiado pelos nossos amigos coronel Laurindo Campello, major Ludgero Raulino, capitão Polydoro Saraiva e major Zacarias Nepomuceno, aqui compareceu como os mais deciplinados soldados politicos.

Parabens ao dr. José Pires.

—Deve ter sahido do Rio de Janeiro, com destino á esta capital, o nosso amigo Antonio Sobreira Filho. Anciosamente o esperamos.

—Vindo do Amasonas, acha-se entre nós, em visita á sua familia, o nosso digno patricio e amigo Raymunno Campello.

—Os Srs. Fonseca & Martins, activos commerciantes desta praça, mandaram-nos de presente, duas lindas cartelas para notas.

Agradecendo a mimosa offerta, garantimos aos nossos collegas de imprensa, reporters, etc, que as referidas cartelas são as melhores e mais commodas possíveis.

—B. FREITAS—o nosso querido e talentoso Baurelio Mangabeira, inicia neste numero da Alvorada uma elegante secção—*Os nossos autographos*, em que o eximio artista da xilogravura prova, á saciedade, a sua competencia e bom gosto.

As quadras—«Marinha»,—que foram gravadas em resistente madeira, mostram a letra fiel do nosso collega Zito Baptista, sem a mais leve imperfeição ou differença. Bravos ao Baurelio, o tão querido artista piauihyense.

Goivos

Falleceu, no dia 2 do corrente, depois de longos mezes de pertinaz molestia, o venerando e estimado coronel Antonio Celestino Franco de Sá.

Alvorada, sent damente, envia peza mes a toda a sua familia, especializando sua inconsolavel viuva e os nossos amigos drs. Celestino Filho e Americo Celestino.

Pasta Myrtis



Attesto que tenho empregado, com os melhores resultados, na minha clinica a pasta «Myrtis» do snr. José R. da Fonseca que pelas suas excellentes qualidades tonicás, aromaticas e estimulantes colloca-se entre as primeiras congeneres.

Theresina, 10 de Setembro de 1906

João Pinheiro

Cirurgião

Reconheço a firma supra do cirurgião dentista Pinheiro; do que dou fé.—Theresina, 17 de setembro

O Tabellião publico
Samuel Cunha.

Cartões

EM BRANCO

para visita e parti-
cipios, recebeu a

Loja Mafrense

DE

H. Parentes & Filho



E' surprehen-
dente o sorti-
mento de ob-
jectos de luxo
que acaba de
chegar para a

LOJA ESPERANÇA

DE

FONSECA & MARTINS

PREPARADO POR

Oscar Castello Branco

PHARMACEUTICO

Prodigioso remedio contra COQUELUCHE, BROCHITE, ASTHMA, GRIPPE,
PNEUMONIA e todas as affecções das vias respiratorias.

As creanças mais rebeldes tomam-no com facilidade, por causa do seu cheiro e
sabor agradaveis.

DOSE :

Para creanças de 1 a 4 annos—1 colher das de chá de 2 em 2 horas.

Para as de 6 a 12 annos—1 ditada de sopa de 3 em 3 horas.

DEPOSITO GERAL

PHARMACIA NOVA

RUA PAYSANDU 46



THERESINA

OLIVEIRA PEARCE & COMP.

AGENTES DAS COMPANHIAS DE CERVEJAS

ANTARCTICA, de S. Paulo e BRAHMA, do

RIO DE JANEIRO

THERESINA



PIAUHY

Edmundo Genuino & Irmão

Artigos para homens, senhoras e creanças

GRANDE SORTIMENTO DE CHAPÊOS E CALÇADOS